

# AS RELAÇÕES FAMILIARES NA AULA DE CLÁUDIO: *uma leitura dos anais de Tácito*

DOUGLAS DE CASTRO CARNEIRO

Doutorando em História (PPGH/UFG)

Bolsista CAPES/FAPEG

dogaocarneiro@hotmail.com

Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Luciane Munhoz de Omena

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as relações familiares na aula de Cláudio (41 d.C. - 54 d.C.), realizando uma leitura dos livros XI e XII dos Anais de Tácito. O protótipo da família imperial iniciado com Augusto tinha que ser uma referência com os espaços públicos e privados, pois expressava a continuidade e a saúde da sociedade romana em seu conjunto, além de propagar uma imagem por todos os territórios do Império por intermédio de diferentes experiências artísticas e literárias. Os autores romanos (tais como Tácito, Suetônio e Sêneca) consideravam Cláudio inapto, sem condições de assumir o governo, e muitos membros da corte o criticavam. A metodologia utilizada se refere ao estudo dos livros XI e XII, que traçam um panorama da *domus claudiana*. Sabemos que as obras históricas não se destinavam a um grande público e se dirigiam à corte, em sessões de recitações e círculos literários. Levando esses apontamentos em consideração, entendemos que os Anais podem ser lidos como veículo de construção e comunicação em um discurso de consenso para a elite romana. Concluímos que este estudo se mostra importante para a compreensão de como as relações familiares são apresentadas dentro do contexto da aula imperial.

## PALAVRAS-CHAVE

*Tácito; Família; Anais; Império Romano; Domus*

## ABSTRACT

The aim of this article was to investigate the family relationships from Claudius (41 A.D.-54 A.D.) based on the books XI and XII from the Anals of Tacitus. This kind of family started with Augustus who had to be reference in public and private spaces because it was the continuity as well as the health of the Roman society. The empire images were propagated to all the Roman territories through artistic and literary methods.

Roman authors as (Tacitus, Suetonius and Seneca) figures out Claudius as unable to govern the Empire as well as many members of the court had critical thinking about his abilities to do it. The books XI and XII indicate a panorama of the domus claudiana. We know that historical works were not aimed to ordinary people. They were prepared to achieve the court through sections of reciting and literary circles. Thus, these Anals can be read as the constructive way to communicate the discourse of consensus to achieve the Roman elite. This study is important to understand how family relationships were introduced within Roman Empire class.

## KEY-WORDS

*Tacitus; Family; Anals; Roman Empire; Domus*

A concepção de família está relacionada a maneiras importantes e fundamentais do aspecto comportamental da sociedade, como heranças, estratégias de casamento e adoção, ou seja, a família é um fenômeno histórico (SALLER, 1994, p. 15). No mundo romano, a família era concebida dentro de um núcleo parental e raramente se falava em bem-estar de cada um dos seus membros. A casa<sup>1</sup> ou linhagem era conceituada como uma entidade de grande importância para além de seus membros, sendo a família romana a primeira unidade de produção, reprodução, integração e transmissão da propriedade (SALLER, 2011, p. 52).

Desse modo, os elementos do patria potestas envolvem algumas questões importantes: era o mais antigo ascendente masculino vivo e tinha o poder sobre a vida e a morte dos membros de sua família, desde suas crianças até os filhos de seus filhos. Era direito do *pater familias* decidir se um recém-nascido seria exposto, assim como decidir no caso de filhos adultos que cometiam crimes e deveriam ser condenados à morte por transgressões cometidas sem consentimento da família (SALLER, 1992, p. 40).

Diversos papéis sociais eram desempenhados pela família romana, embora talvez não seja útil definir a família em termos funcionais, pois nem sempre o grupo de parentes exercia o mesmo papel na sociedade (DIXON, 1992, p. 20). O papel da família em nossa sociedade contemporânea se diferencia da família da sociedade romana, uma vez que a primeira incorpora o grupo residencial de pais e filhos, e o agregado familiar romano incluía os escravos e suas famílias. A alteração familiar ocorria principalmente com a questão do matrimônio, já que a nova família romana se mudava para outra casa e havia o surgimento de um novo núcleo familiar (DIXON, 1988, p. 108).

Buscamos apresentar, neste artigo, as interpretações sobre a questão da fa-

1 O idioma geralmente pode ser um indicador de mudanças. Um sinal claro que não era um fenômeno novo, que surge o termo latino *aula*. Pouco apareceu durante a república e tornou-se comum no Império para referir-se a corte imperial pelo menos depois da metade do primeiro século. Ao redor do imperador cresceu uma série de círculos concêntricos, contendo grupos e indivíduos que ganharam poder e influência pela proximidade com o imperador: a *familia imperial* (domus), e os amigos (*amici*) (PATERSON, 2007, p.121-124).

mília no mundo romano, em especial dentro do principado de Cláudio. Mas qual é a concepção de família no contexto romano? Em termos práticos, o romano poderia usar o termo família para descrever sua família biológica, as pessoas que moravam na mesma casa, que pertenciam ao mesmo clã ou aquelas legalmente definidas pela lei. As noções de família durante a dinastia Júlio-Cláudia foram influenciadas pela legislação vigente, particularmente de Augusto e suas leis relativas ao casamento e adultério (GLOYN, 2017, p. 6).

Nessa direção, podemos entender o que Liz Gloyn (2017, p. 4) assinala:

**O**s romanos poderiam se identificar como membros de uma gens ou de um clã que invoca as ressonâncias históricas e étnicas. A associação de uma gens poderia levar a certos direitos herdados ou sacerdócios e na República era a porta de entrada para o status de patrício, quando este ainda mantinha alguma importância funcional. Mas a gens permaneceu como uma forma de definir uma identidade e relacionamentos. Um senso patrimonial poderia ser conectado a um lugar quanto a sua ancestralidade e aqueles elementos de histórias familiares, já que muitas vezes serviam como recursos na política romana.

Assim, Gloyn enfatiza a importância do que poderia ser identificado como gens ou clã. Isso acontecia necessariamente com os membros da aristocracia, já que tomavam de empréstimo a ideia de uma ascendência divina. Havia a defesa de uma ascendência de um único *princeps* e, em seguida, desenvolveram um sentido técnico para os romanos, assim como a conjunção de várias famílias (SMITH, 1996, p. 31). Muitas vezes a temática familiar se tornava central nos testemunhos documentais (e.g. *Anais* de Tácito, epigrafia sepulcral entre outros), implementando estereótipos referentes à vida familiar e aos comportamentos dos membros familiares (TREGGIAIRE, 2005, p. 32).

O casamento costumava servir como um elo entre duas famílias e os cônjuges eram submetidos ao poderio do *pater familias*. Havia a forte presença de uma figura paterna, enquanto cabia à mulher oferecer um dote e ter como obrigatoriedade a procriação. Assim, passamos às discussões sobre a *Familia Caesaris*. Cláudio não pertencia estritamente a *Domus* de Augusto, mas a seu tio Tibério e seu irmão Druso. Quando Cláudio adotou o nome de César, este não era um nome ligado à família, mas um título. Essas duas famílias (Júlia e Cláudia) se uniram devido ao casamento de Otavio e de Lívia.

Foi justamente a política de Cláudio que procurou enfatizar sua conexão com Augusto (BURY, 2010, p. 120). Como sabemos, os governos de Cláudio e de Nero são fartamente documentados por autores dos dois primeiros séculos d.C. Temos, por exemplo, Cornelius Tacitus, que viveu aproximadamente cem anos depois e nos deu indícios sobre o governo de Cláudio.

Tácito foi historiador, político e orador, nascido por volta de 56 d.C. na Gália Narbonense. Sua carreira enquanto senador, questor e o consulado coincidem com os cinco anos de governo de Domiciano. Foi cônsul no governo de Nerva, com um

interlúdio breve com Trajano no poder (SYME, 1997, p. 25).

Tácito utiliza de seu *cursus honorum* sobre os Flávios para afirmar sua isenção como historiador, pretendendo dizer que o fato de ter sido promovido por eles, em especial por Domiciano, não influenciaria sua objetividade ao relatar o período (MARGUES, 2007, p. 320).

A influência dos estudos retóricos é evidente em todos os seus escritos, e ele ganhou reputação como orador. Era natural que seu trabalho mais antigo, *Dialogis Oratoris*, fosse uma investigação das razões da decadência da oratória sobre o Império. Inspirado em Cícero, os trabalhos retóricos mostram a forma e o estilo e os efeitos do estudo do seu autor.

A data de publicação do *Dialogus de Oratoribus* é por volta de 74 d.C. a 75 d.C. e, aparentemente só foi publicado após a morte de Domiciano. Na biografia de Agrícola, escrita por Tácito em 98 d.C., entendemos que ele se utilizou de tradições literárias para construir uma posição política no interior de um ambiente de uma competição intra-aristocrática (JOLY; FAVERSANI, 2014, p. 45). No mesmo ano finalizou *Germania*, descrevendo as atividades dos povos germânicos, comparando-os aos romanos (ANDRADE, 2011, p. 220).

Os *Anais* são, sem dúvida, a maior obra de Tácito por excelência, além de ampla e conservada. A carreira literária de Tácito é um trabalho maduro, assim como de outros historiadores romanos, homens públicos que se encontravam no *otium*, o que permite um testemunho escrito de sua própria experiência vital. A cronologia da composição e publicação dos *Anais* está obscurecida por imprecisões ligadas à vida do autor. A obra foi escrita por volta dos anos 112 d.C. a 114 d.C. na província da Ásia. Parece-nos claro que os *Anales* consistiam em dezoito livros, distribuídos em três hexágonos – de certa forma, também em tríades – consagrados a períodos unitários. O mesmo princípio parece ter presidido a elaboração das *Historias*, cujos doze livros completaram o total de trinta, e que São Jerônimo atribui ser a maior obra de Tácito.

Sabemos, ainda, que os quarenta capítulos finais foram perdidos do 16º livro dos *Anales* – o último dos conhecidos – e há a narração dos últimos quatro anos de Nero, aqueles que estavam faltando para levar ao início do já publicado *Historias*. Do presumido total de dezoito livros dos *Anales*, a primeira hexada – consagrada a Tibério (14 d.C. a 37 d.C.) – chegou a nós com uma importante lacuna que cobre a maior parte do livro V e parte do VI, de 29 d.C. a 31 d.C.

Os livros VII a X foram perdidos, os quais contam a história do reinado de Calígula (37 d.C. a 41 d.C.) e o começo da obra de Cláudio, no ano 46 d.C. Em 47 d.C. começa a parte conservada do livro XI, sua segunda metade. O resto foi preservado do reinado de Cláudio (livro XII) e da primeira tríade da dinastia neroniana (XIII-XV), deixando de fato a obra interrompida até o meio do livro XVI, no ano 66 d.C. (MORALES, 1976, p. 220).

O primeiro compreende que:

**L**ogicamente que a casa do Princeps estava horrorizada, em especial aqueles que estavam com as mãos no poder e mudavam-se as coisas. Certo que havia desonrado, já que permaneceu longe do pe-

rigo de sua ruína, agora como mudança, um jovem nobre distinguia-se pela sua beleza com a proximidade do consulado e se prestava com esperança e não era um misterio que não ficava depois do matrimônio. Sem dúvida apoderava-se o medo por considerar Cláudio um inapto submetido a sua esposa Messalina (Tac., *Ann.*, 11,8)

Nessa passagem, Tácito descreve algo importante no que tange à relação ao imperador e sua *domus*, o então imperador Cláudio e a sua esposa. Percebe-se a relevância das mulheres na *domus imperial*, que desempenhavam na realidade um papel importante, entretanto não definiam o poder real diante de um estatuto jurídico semelhante ao do imperador (HIDALGO DE LA VEGA, 2007, p. 130). O protótipo da família imperial iniciado com Augusto tinha que ser uma referência aos espaços públicos e privados, pois expressava a continuidade e a saúde da sociedade romana em seu conjunto e propagava uma imagem por todos os territórios do Império por intermédio de diferentes experiências artísticas e literárias (HIDALGO DE LA VEGA, 2003, p. 40).

Nesse sentido, Tácito aponta os outros elementos relevantes no tocante às relações da família imperial romana:

Com o assassinato de Messalina, se transformou a casa do *princeps*, pois entre os seus libertos surgiu uma disputa sobre quem elegeria para ser a nova esposa do imperador, homem pouco acostumado a vida celibatária e inclinado a deixar-se dominar por uma esposa. E sem menor agrado ardiavam as intrigas das damas: cada uma fazia valer sua alcunha, sua beleza, suas riquezas, apresentando-as como dignas de um matrimônio. Mas a maior dúvida estava entre *Lólia Paulina*, filha do ex-cônsul *Marco Lólio* e *Júlia Agripina*, filha de *Germânico*; e esta apoiava *Palante* na mudança que favorecia a Elia Petina. Cláudio inclinava-se de um sentido para o outro escutando seu conselheiro, junto aos discordantes e ordena expor suas opiniões de maneira razoável (Tac., *Ann.*, 12, 1).

Tácito descreve a relação do assassinato de Messalina por volta de 48 d.C. e as consequências desta relação. Valéria Messalina protagonizou momentos de agitações políticas na corte de Cláudio, isto porque, na ótica de Tácito, pretendia seu lugar, bem como a sucessão de seu filho Britânico (RODRIGUES, 2008, p. 15).

Tácito descreve, nos primórdios do livro XII de sua obra, o governo de Cláudio e de sua corte e a relação com os demais membros da *domus* claudiana. Todavia, não evidencia o motivo de o imperador ter se casado três vezes. A família era a unidade básica na sociedade romana e, como tal, a perpetuação da aristocracia e as possibilidades de mobilidade social dependiam fundamentalmente do comportamento familiar (GARNSEY; SALLER, 2014, p. 37). Segundo essa argumentação, é preciso considerar os problemas morais vinculados a Agripina, conforme a seguinte passagem:

**N**o consulado de *Caio Pompeu e Quinto Veranio*, o casamento de Cláudio e *Agripina* estava confirmado pela fama e por um amor ilícito; mas, todavia não ousaram celebrar a cerimônia solene que não era procedente de um tio que houvesse tomado como esposa, a filha do seu irmão, incluía temia-se pelo incesto, e que não se reparavam no que resultara como uma calamidade pública (Tac., *Ann.*, 12, 5).

Nessas linhas, Tácito descreve o casamento infame do imperador Cláudio com sua sobrinha *Agripina*, ocorrido em 49 d.C. Nessa situação *Agripina* teria desfrutado de vários privilégios, como assentos pessoais, os quais eram gradualmente adquiridos por mulheres proeminentes da família imperial (BARRETT, 1996, p. 10).

Posto isto, o casamento era uma das instituições fundamentais na sociedade romana e não unia apenas dois indivíduos, mas duas famílias. Nesse âmbito, devemos ter em mente a seguinte questão:

**N**arciso falava de seu antigo matrimônio, de uma filha comum, pois *Antônia* havia tido de *Petina* de que nada mudaria em seu lugar e se voltava à esposa já conhecida, com o qual de modo algum olharia com ódio de madrasta de *Britânico* e *Otávia*, presentes tão próximos quantos estes. *Calisto* dizia que ficava excluído por uma longa separação e que a tomava de novo e era cheia de soberba e era muito melhor que desposara *Lólia*, no qual não havia tido filhos e por isso estaria a margem das rivalidades e seria para eles como uma mãe (Tac., *Ann.*, 12, 2).

Podemos observar que o único papel político para qualquer mulher romana da camada mais abastada era fortalecer as alianças familiares por meio do casamento.

Filhas e até esposas eram usadas como ferramentas políticas. A falta de iniciativa do imperador é apresentada e enfatizada nos mesmos argumentos do senado, já que Cláudio talvez não tivesse familiarizado com a adoção na família dinástica (GINSBURG, 2005, p. 120). Nesse sentido, podemos entender aquilo que Tácito propôs no Principado de Cláudio:

**D**epois dessa introdução favorável e acolhida, assim que seguiram muitos sinais de aprovação dos senadores, voltando a iniciar que aconselhavam o príncipe a se casar, convinha escolher a uma mulher insigne por sua nobreza, por sua fecundidade e por sua honestidade e que não podia investigar muito para *Agripina* ia adiante de sua linhagem e por outra parte havia dado prova de sua fecundidade e unia a honestidade de seus costumes. Mas realmente egrégio que era viúva das providências dos deuses, unira-se a um princípio que só conhecia seus matrimônios haviam escutado os seus pais e aqui viviam por eles mesmos – era verdade algo novo entre nós – os casamentos e com as filhas dos irmãos, mas em outras cidades os celebravam solenemente

e nenhuma lei proibia também o casamento entre irmãos e irmãs, há muitos eram ignorados e o costume acomodava a conveniência e isso tornaria mais habitual (Tac., *Ann.*, 12, 6).

Tácito aponta que Cláudio poderia ser eloquente, não diante de um discurso preparado, mas em sua dignidade enquanto *princeps* (GRIFFIN, 1990, p. 42), uma vez que Agripina tinha determinado sua influência sobre Cláudio e pretendia colocar Nero no poder (MALOCH, 2009, p. 60). As ações claudianas dentro das narrativas de Tácito invertem as expectativas culturais e refletem o mal sobre ele.

As esposas imperiais eram peças centrais nas *domus*, representavam sua face exterior, portanto, eram representações dos valores do próprio Principado. Dominado por suas esposas, Cláudio é demonstrado como ignóbil e sem controle de sua *domus*. Aponta o historiador latino:

O dia do casamento de Silano se deu na morte, porque havia mantido esperanças de viver e porque havia escolhido aquele dia para fazer deles mais odiosos. Sua irmã Calvina foi expulsa da Itália. Cláudio adicionou a ordem que se celebravam os ritos segundo as leis do rei Túlio e uma expiação pelos pontífices no bosque sagrado de Diana em semelhante para a expiação de um incesto. Mas Agripina para não ficar famosa apenas por suas ações ruins. Faz o pedido do perdão do exílio e ao mesmo tempo a pretura de *Lúcius Anneus Seneca*, pensando que seria um gesto popular em razão do brilho dos seus estudos e para que a infância de Domício desenvolve-se sobre a tutela do professor e aproveitando ambos os conselhos com vistas as suas esperanças de dominação. Sêneca era considerado leal a Agripina pelo registro do bem que fizera e inimigo de Cláudio por ressentimento de uma justiça padecida (Tac., *Ann.*, 12, 8).

O historiador romano deixa claro que as relações da corte durante o final do governo de Cláudio começaram a desmoronar. Agripina possuía muita força, conforme descreve o autor, pois teria pedido para que Sêneca fosse o preceptor do seu filho Nero. Em 50 d.C., o imperador Cláudio adotou Lucius Eneobarbos, filho de Agripina, o que dava a possibilidade de este ser seu sucessor. A adoção em outras culturas fornece um pano de fundo para a compreensão do funcionamento da adoção no mundo romano. Essa estratégia teve usos políticos e foi empregada para reorganizar a sucessão da família imperial (LINDSAY, 2009, p. 41).

Em 51 d.C. a população sofreu uma escassez de grãos devido a uma colheita ruim em Roma, e as pessoas estavam divididas se Cláudio possuía culpa ou não. A principal resistência aos planos de Agripina para a sucessão do imperador era atribuída ao liberto de Cláudio, Narciso (LEVICK, 2000, p. 10).

A hostilidade entre Agripina Menor e Narciso não poderia ser evitada. As aspirações do imperador eram presentes nesse segmento, mas não foi o fim dos assuntos presentes em Roma. Da mesma forma, houve conflitos entre aqueles que sobreviveram antes de Nero assumir o poder, já que Britânico foi assassinado para

que Nero pudesse assumir o controle do governo (OSGOOD, 2011, p. 49).

Podemos perceber, nesse contexto, a importância do governo de Cláudio, e a forma como Tácito trata dessa questão:

**E**ntão Agripina, que há muito tempo estava decidida há muito tempo sobre o crime, aproveitando com presteza a ocasião em que se ofereciam e não faltando servidores para a situação, deliberando sobre o veneno escolhido: um súbito e de efeito precipitado denunciaria o crime: se escolheria um lento que iria minar com ele; era de temer que Cláudio estivesse próximo de sua morte e dando conta do engano voltando ao amor de seu filho. Queria algo especial, que perturbara a mente e dilatara sua morte (Tac., *Ann.*, 12, 67).

Após a rápida ascensão de Lucius Enobarbo ou Nero com o auxílio de sua mãe Agripina Menor ao poder, o novo imperador fez um discurso laudatório ao imperador falecido. É preciso enfatizar que Tácito, em seus Anais, nos dá respostas importantes sobre o principado claudiano.

Quando estudamos um determinado tema e um determinado período, há necessidade de atribuímos a eles uma determinada significação. Qual seria o objetivo de Cornelius Tacitus quando escreveu os *Anais*? Porque a descrição dos livros XI e XII, que descrevem o principado de Cláudio, possui essas características específicas? As respostas para essas indagações se encontram na própria estrutura construída pelo historiador e na historiografia que foi analisada ao longo deste trabalho. Cláudio é criticado por seus contemporâneos, a exemplo de Sêneca, que já que teria sido enviado para o exílio durante seu governo. A historiografia apresenta Cláudio não como um inapto, mas como um imperador que apresentou os pontos positivos. Devemos considerar que o autor não era contemporâneo do personagem. Desta forma, podemos observar que as visões negativas preponderaram aos leitores e autores posteriores. Levando em conta essas considerações, Tácito foi criterioso ao escrever os respectivos livros e apontou as principais relações propostas pelo então imperador. E trouxe a visão particular de um autor que escreveu aproximadamente cem anos depois do ocorrido.

## LISTA DE ABREVIATURAS

Tac., *Ann.*, – Tacitus, Annales (Tácito, Anais).

## FONTES

TACITUS. Annales: Libros XI- XVI. Traducción y notas José L. Moralejo. Madrid: Gredos, 1976.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, M. C. S. *A Germânia de Tácito: Traduções e Comentários*. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2011.
- BARRETT, A. *Agrippina: Sex, Power and Politics in the Early Empire*. London: Routledge, 1996.
- BURY, J. B. *A History of the Roman Empire from its Foundations to Death of Marcus Aurelius*. New York: General Books, 2010.
- DIXON, S. *The Roman Mother*. London: Routledge, 1988.
- DIXON, S. *The Roman Family*. London: Routledge, 1992.
- GARNSEY, P.; SALLER, R. *The Roman Empire: Economy, Society and Culture*. London: Bloomsbury, 2014.
- GINSBURG, J. *Representing Agrippina: Constructions of Female Power in the Early Roman Empire*. Oxford: Oxford Press, 2005.
- GLOYN, L. *The Ethics of Family in Seneca*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.
- GRIFFIN, M. *Seneca: A Philosopher in Politics*. Oxford: Clarendon Press, 1990.
- JOLY, F. D.; FAVERSANI, F. (Orgs.). *As Formas do Império Romano*. Mariana: UFOP, 2014.
- HIDALGO DE LA VEGA, M. J. *Las Emperatrices Romanas: Sueños de Purpura y Poder Oculto*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2007.
- HIDALGO DE LA VEGA, M. J. *Esposas, hijas y madres imperiales: el poder de la legitimad dinástica*. Rome: Latomus, 2003, T. 62, Fasc. 1, p. 47-72.
- LEVICK, B. *Claudius*. Boston: Batsford, 2000.
- LINDSAY, H. *The Adoption in the Roman World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- MALLOCH, S. Hamlet without the prince? The Claudian Annals. In: WOODMAN, A. (Ed.). *The Cambridge Companion to Tacitus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 116-126.
- MARQUES, J. B. *Tradições e Renovações da Identidade Romana em Tito Lívio e Tácito*. 2007. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- OSGOOD, J. *Claudius Caesar: Image and Power in the Early Power*. Cambridge: Cambridge University, 2011.
- RODRIGUES, N. S. Agripina e as outras. Redes femininas de poder nas cortes de Calígula, Cláudio e Nero. *Gérion*, v. 26, n. 1, p. 281-295, 2008.
- SALLER, R. "Familia, Domus", and the Roman Conception of the Family. *Phoenix*, v. 38, n. 4, p. 336-355, 1994.

SALLER, R. *Patriarchy, property, death in the Roman Family*. Cambridge: Cambridge University, 1992.

SALLER, R. The Roman Family as productive Unit. In: RAWLSON, Berry. (Ed.). *A Companion to Families in the Greek and Roman World*. Cambridge: Cambridge University, 2011, p. 116-128.

SMITH, C. J. *The Roman Clan: The Gens from Ancient Ideology to Modern Anthropology*. Cambridge: Cambridge University, 1996.

SYME, R. *Tacitus*. Boston: Clarendon Press, 1997.

TREGGIARE, S. Putting the Family Across: Cicero on Natural Affection. In: GEORGE, Michele (Ed.). *The Roman Family in Empire, Rome and Beyond*. Oxford: Oxford Press, 2005, p. 9-36.

PATERSON, J. Friends in high places: the creation of the court in Rome Empire: In: SPAWFORTH, A.JS (Ed). *The Court and the Court Society in Ancient Monarchies*. Cambridge: Cambridge Press, 2007, p. 121-155.